

Stadium

N.º 190 — 24 de Julho de 1946 — Esc. 2\$00



a. martin
maquedaa
de 10a - 946

CAPELA

Guarda-redes do Belenenses

A Iluminante

Material electrico
para
todas as applicações

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
LISBOA

Rua Passos Manuel, 209
PORTO

Stadium

N.º 190 * 24 DE JULHO DE 1946 * PREÇO 2\$00



Armando Tschopp, de nacionalidade suíça, há muito tempo vivendo no Porto, foi objecto de uma homenagem por parte da Associação Andebol do Porto

Um desfecho internacional de andebol OS SUÍÇOS vencem os PORTUENSES



Um lance de defesa junto das balizas dos Suíços



Aarau, o grupo suíço que brilhantemente derrotou o team da Associação do Porto



Xavier, no ataque, em luta com um defesa suíço

O público portuense teve ocasião de admirar uma grande equipa de andebol. O B. T. V. Aarau, campeão da Suíça, exibiu-se de forma convincente.

Venceu por 10-8. Teve como adversário a selecção dos melhores jogadores portuenses andebol. Os helvéticos chegaram a esta cidade poucas horas antes de comparecerem no Estádio do Lima.

Depois duma viagem cheia de dificuldades, sem dormirem durante três noites, conseguiram vencer e convencer. O grupo é bom em todos os sentidos. Defende-se e atacam sempre bem. Nas desmarcações são espantosos.

Serenidade nas entregas e magnifico remate.

Atleticamente são bem constituídos e a prova de hoje é suficiente. A 2.ª parte do encontro com os portuenses foi de absoluta confirmação do valor dos campeões helvéticos.

O seu médio-centro Lang e o extremo-direito Weber destacaram-se mas com pouca diferença dos outros elementos. Defendem-se bem, em linha de cinco e atacam também em bloco.

Os portuenses tiveram uma entusiástica arrancada chegando a vencer por quatro a zero. Pouco a pouco foram cedendo em face da gradual melhoria dos helvéticos.

A arbitragem do sr. António Magalhães foi imparcial.

Os lisboenses vão hoje admirar um dos melhores grupos europeus da modalidade.

O Aarau é de facto uma excelente equipa de andebol.



A selecção portuense de andebol, com efectivos e suplentes



Montalvão desenvolve um ataque vistoso

Um ataque energico dos avançados suíços. Os portuenses defendem-se com tenacidade



A Associação de Braga

expõe os seus pontos de vista

EQUANTO os campos de futebol descansam, desertos dessa multidão febril e entusiasta que adora o jogo da bola, que aplaude e grita, emoldurando a mais emocionante festa desportiva, estabelecemos contacto com os dirigentes das associações do país. Eles nos dão a sua opinião acerca dos casos de interesse que actualmente rodeiam a orgânica do futebol nacional, ao mesmo tempo que nos relatam o que foi a actividade desportiva das suas regiões na época finda e quais os seus projectos futuros.

Percorramos o país. E a provincia justamente interessada nesta organização do futebol nacional. E com direitos adquiridos, bem apoiados por um trabalho que faz fe quanto aos seus propósitos e que constitui uma força quanto aos seus desejos.

A Associação de Futebol de Braga, lá em cima, no Minho, é das primeiras deste depoimento.

O desporto em Braga e seu distrito caminha sob bons aspectos. Verificamos que há entusiasmo em boa medida para o levar por diante, bem ladeado por um aspecto de especial importância: interesse.

No que diz respeito ao futebol, a actividade está situada no melhor progresso. E para prova basta recordar o movimento que na época finda nos revelaram todos os clubes do distrito, sobre os quais superintende, claro está, a respectiva Associação de Futebol, desenvolvendo trabalho acertado, consciencioso.

A visita que recentemente fizemos à Associação de Futebol bracarense impressionou-nos da melhor maneira. As instalações são agradáveis e os serviços de secretaria estão modeladamente montados. Quando saímos do organismo do futebol do distrito bracarense trazíamos a agradável certeza de que dentro daquela colectividade muito se está fazendo em defesa e propaganda do jogo, com assinaláveis benefícios para os clubes nela filiados.

Ao fim de 24 anos de actividade a Associação de Futebol de Braga está em boa posição e à altura de defender os interesses dos clubes seus filiados, diz-nos o presidente da Associação, sr. engenheiro Cruz e Silva, há já cinco anos na direcção daquele organismo.

A Associação superintende em dois distritos — continua elucidando-nos — Viana do Castelo e Braga, agrupando clubes que estão localizados desde Monção a Famalicão, e desde Espouso da Cabeceiras de Basto.

«Valorizando-nos esta actividade no futebol distrital, destacamos que 6 clubes nossos disputaram na época finda o Campeonato Nacional representando Braga, Guimarães, Viana, Barcelos, Fafe e Famalicão, ou sejam 4 cidades e 2 vilas.

«Este facto traz muito o interesse e entusiasmo que notamos na área da nossa jurisdição pelo popular jogo. De ano para ano mais aumenta a filiação de clubes.

— Financeiramente, como pode ser interpretada a época na A. F. de Braga?

— Boa. Muito mais assistência

aos jogos. Interesse geral pelo futebol. Um campeonato distrital com 200 contos de receita. E continuamos a dar-nos esplendidamente com a nossa fórmula de percentagens. As receitas dos jogos são todas para os clubes. A Associação só tem uma pequena percentagem por cada jogo, mantendo-se o sistema das receitas — sempre para o clube visitado. Noutros tempos a Associação cobrava 50%, mas entendemos que são os clubes que precisam de ter dinheiro em cofre. E esta orientação tem-lhes agradado, dando-lhes benefícios e margem para poderem viver e levar por diante os seus projectos — sem os quais o futebol não pode desenvolver-se.

— No Nacional registaram-se receitas apreciáveis?

— Por exemplo, a do Vitória de Guimarães-Sporting, 40 contos.

— Qual a vossa opinião sobre o alargamento do Campeonato Nacional e acerca da 1.ª e 2.ª Divisões?

— Por enquanto a A. F. de Braga não pode pronunciar-se, especialmente porque não havia ainda os clubes. No entanto, pessoalmente sempre lhe direi que, sobre a 1.ª Divisão, aguardamos... Há um aspecto em que todos estamos de acordo acerca do Campeonato da 2.ª Divisão. Inclina-se as opiniões para o sistema de 2 zonas com 12 clubes ou 3 zonas com 8, e uma 3.ª Divisão para os restantes, talvez com 4 jornadas para evitar muitas deslocações.

— Sobre os Campeonatos Regionais?

— A opinião da A. F. de Braga é de que se devem efectuar. Não podemos prescindir deles. Nós, pelo menos. Tenha-se em vista, e como pormenor de especial importância, a necessidade destes torneios para se angariarem os necessários fundos para as associações e seus clubes. E a Associação bracarense tem em actividade cerca de 800 jogadores.

— Projectos?

— Valorizarmos tanto quanto nos for possível a actividade do futebol na área desta Associação e tentarmos levar a efeito uma aspiração: o nosso Centro de Medicina Desportiva. Um outro

desejo: conseguir que se disputem os jogos inter-cidades. Pensamos que na última época conseguiríamos este desejo, mas a falta de data atraçou os nossos intentos.

— Mas estão satisfeitos com a actividade do vosso organismo?

— Bastante. Propriamente em Braga, o Sporting local teve comportamento que justo é resaltar, sobressaindo no entanto os resultados conseguidos pelo futebol bracarense. E o Famalicão? Deve-se-lhe em dos aspectos de maior interesse no futebol distrital, cujos resultados se hão-de conhecer melhor na próxima época.

Por esta rápida troca de impressões que tivemos com o presidente da Associação de Futebol de Braga, se pode apreciar o ânimo, a boa vontade e o entusiasmo que estão animando o futebol local.

— Há mais de trinta anos —



Eng. CRUZ E SILVA presidente da A. F. de Braga

nesses tempos heróicos do futebol que também foram vividos em Braga — os srs. Celestino Lobo, Gabriel Maria, Bernardino Gomes, João José Rodrigues, Manuel Luis Ferreira, Manuel Vila Pereira, António Costa Gomes e Fernando Carvalho Pereira, fundadores da A. F. de Braga, não sapanham que construíram tão sólida base para este desporto de multidões que se agita de Norte a Sul do país.

Fernando Sá

UMA FESTA

de patinagem feminina em Campo de Ourique

HÁ já muito tempo — quase um ano! — que se não realizava em Lisboa (nem arredores) uma festa de patinagem artística feminina: e estes certames tiveram, durante alguns anos, grande notoriedade nos meios desportivos.

A capital e a provincia, mercê de várias iniciativas particulares, puderam apreciar a graciosidade, a desenvoltura e a beleza de algumas das mais gentis patinadoras portuguesas. No rol das quais é de justiça pôr em evidência Maria Helena de Sá, Ivone Torres, Aldina de Montargil, Virginia Campos, Zita e Mimi Alecbols, que abandonaram já a actividade, Quina Baptista, Ercília Gil, Maria Helena Simões, Tila Pedroso, etc.

Mas a patinagem artística feminina (depois de ter ido ao Porto, a Coimbra, às Caldas da Rainha, a Estremoz, a Faro, a Évora... — a muitos sítios, em sume), parece ter caído em desuso — nam marasmo enervante e contraprodacente.

Ter-se-iam fatigado os praticantes?

Pois o C. A. Campo de Ourique — loavores por tal — meteu ombros à empresa do renascimento da patinagem; e promoveu, há dias, a organização do

II Concurso de Elegância e Correção — que, como o anterior, disputado em Junho de 1940, teve bom êxito de propaganda, ainda que, no aspecto técnico, pouco, ao mesmo nada, se tivesse evoluído! Talvez por falta de quem ensine — ou por circunstâncias ocasionais que não importa conhecer — certo é ter a patinagem artística (?) marcado um longo «compasso de espera».

Não se varia. Não se apresenta algo de novidade. As mesmas figuras de sempre... E isso representa — se não retrocesso — uma ausência absoluta de bom gosto e de estado.

As concorrentes, cinco gentilíssimas raparigas para quem as manifestações desportivas constituem simples passatempo, houberam-se o melhor que puderam. Venceu Maria Helena Simões, do Campo de Ourique, como era de justiça. E nos lugares de honra classificaram-se Quina Baptista, do Lisgás, e Ercília Gil, também do clube organizador do interessante festival.

Mas se Maria Antónia padesse concorrer a sua pouca idade, seis anos e meio, não lho consentia — seria certamente a triunfadora do Concurso. Assim... Há que esperar um pouco mais — para então confirmar as suas extraordinárias localidades.

Com Barcelona à vista

A luta será renhida entre espanhóis e portugueses, mas devemos confiar na vitória nacional

SABADO e domingo próximos vão disputar-se pela quarta vez, no estádio de Montjuich, em Barcelona, as representações nacionais de Portugal e Espanha em atletismo.

Os portugueses, batidos com relativa facilidade no primeiro encontro, em Madrid, para o qual foram sem cuidada preparação, voltaram a perder no ano seguinte no Porto, mas apenas por um ponto. Na época passada, em Lisboa, reatando as relações, os nossos atletas alcançaram vitória expressiva e retumbante, que, na opinião de toda a crítica sincera e conhecedora, premiou na realidade o melhor, mas não traduziu com exactidão a diferença de valor colectivo entre os dois países, pois os espanhóis se apresentaram desfalecidos e em más condições.

Teve esta afirmativa a vantagem de impedir que geminasse entre nós o espirito de exagerada confiança e os atletas portugueses responderam, com idêntico empenho e entusiasmo, ao tenaz esforço dos seus camaradas espanhóis para desforra do desaire de 1935.

Em vésperas do emocionante embate, que será sem dúvida a mais importante competição desportiva sustentada esta temporada contra os nossos amigos e vizinhos da Península, sem cair no erro de exagerado optimismo, parece-nos que poderemos enfrentar com serena confiança — uma confiança condicionada pela chamada gloriosa incerteza do desporto — a dupla jornada de Barcelona.

Os representantes portugueses,

na generalidade, apresentam-se em melhor forma do que no ano passado, capazes de bater a maioria das marcas do terceiro encontro.

Provaram-no já Tomás Paquete, Matos Fernandes, Fernando Ferreira, Carlos André, António Cardoso, Edgar Tamegão e irão prová-lo Francisco Bastos, João Silva e Afonso Marques, Alvaro Dias e José Luis Silva.

Não é possível, no momento em que escrevemos, antes de conhecidos os resultados dos nacionais de Espanha, formar com segurança um prognóstico para o qual apenas possuímos elementos unilaterais. No entanto, a tentação de prever é demasiado forte para lhe resistirmos e, feitas e refeitas as contas, tudo bem ponderado e admitindo já derrotas portuguesas contra as quais o raciocínio e o subconsciente se revoltam, arriscamo-nos a prever a vitória

portuguesa por 10 pontos de diferença.

Acreditamos em primeiro lugar, sem necessidade de argumentar com a consciência, a dupla vitória dos nossos representantes nos 100, 10.000 e 110 metros barreiras, triplo-salto e lançamento do martelo. Somaremos aqui 35 a 15 pontos.

Atribuiremos sem hesitação a mesma vantagem aos nossos adversários nos lançamentos do peso e do disco, o que corrige a pontuação para 41-29.

Analisemos, agora, uma a uma, as provas restantes:

200 metros — Sampaio Peixoto é vencedor mais do que provável, com descida do recorde nacional, mas Núncio não poderá bater Moncho Rodrigues e, com o seu terceiro lugar, ficaremos em 47-33.

400 metros — Aqui, as posições são inversas; Moncho não pode ter quem tema, mas atribuiremos

resultado de 8,5), firmando-se no segundo lugar, a um ponto apenas do vencedor.

O primeiro triunfo lisboeta na prova máxima do andebol português fica, assim, assinalando uma superioridade sudista absoluta, que é a recompensa dos porfiados esforços dos seus dirigentes — que estão de parabéns — e da cuidadosa preparação dos seus jogadores.

No domingo próximo vai dirimir-se o último combate desta competição entre os dois centros praticantes do andebol, com o encontro entre os juniores campeões do Benfica e do Académico, jogo que deve merecer toda a simpatia do público adepto e nos dará a antevista das possibilidades futuras dos portuenses e lisboetas.

Depois de muita inquietação, pois ninguém sabia por onde andavam, os suíços do Aaran sempre chegaram ao Porto no próprio domingo às 15 horas, defrontando duas horas depois a selecção portuense, que derrotaram por 10-8, começando tão mal que os adversários chegaram a ter vantagem de 4-0.

O grupo visitante defrontará esta tarde a equipa representativa de Lisboa e o encontro tem foros de excepcional categoria internacional. Os suíços são excelentes jogadores e, devidamente recompostos das fadigas da viagem, darão a perfeita impressão da sua classe.

E' uma prova difícil para os nossos jogadores, mas muito útil para melhor ajuizarmos das nossas possibilidades para futuros cometimentos.

os 2.º e 3.º lugares aos portugueses, considerando assim a prova nula.

800 metros — Eis, com certeza, uma das mais lindas corridas do «match». Bastos contra todos e, seja qual for o andamento que lhe imponham, o nosso grande campeão seguirá na cola e, nos 200 metros finais, há-de ganhar, seja como for e no tempo que for preciso, com provável novo recorde ibérico.

Aceitamos que Jacinto seja o último, teremos nova prova nula e a pontuação com 57-63.

1.500 metros — O que sairá do duelo Bastos-Rujo? O nosso campeão nunca correu a distância apertado e por isso não sabemos até onde poderá chegar; seguramente, além do recorde nacional mas, embora contra a intuição, admitamos que é batido e que Humberto Bastos termina na cauda. Teremos: 61-49.

5.000 metros — Rojo já fez esta época tempo inferior ao mínimo nacional, mas, como no caso anterior, consideramos o nosso João Silva capaz de fazer o mesmo se tiver quem o aperte. Sejam porém pessimistas e concedamos a vitória a Rojo e o quarto lugar a Marques. Ficaremos com 65-55.

Nas duas estafetas os pontos neutralizar-se-ão com a vitória portuguesa nos 4x100 metros, (embora seja afiliva a ausência de treino na passagem do teste-munho) e o êxito espanhol nos 4x400 metros.

A prova de saltos em altura pode ter três vencedores: Pires, Cardoso e Matos Fernandes, que valem todos mais de 1^m 85. Se nos pedissem opinião concreta, optaríamos por Cardoso, mas seremos uma vez mais pessimistas dando o primeiro posto ao espanhol; e, com estes 5-5 e os 3-3 das estafetas, somamos 78-68 a favor de Portugal.

Alvaro Dias é para nós o vencedor do salto em comprimento, com marca superior a 7 metros e, na pior hipótese, Tamegão será terceiro, o que eleva a contagem para 79-67, diferença que não será alterada pelo salto à vara, onde temos assegurados pelo menos os segundo e terceiro postos.

Ficamos em 84-72. Esqueceu-nos na devida altura a corrida de 400 metros barreiras, cuja vitória ninguém negará a Matos Fernandes, assegurando a igualdade, ainda que Artur Dias seja batido pelos dois espanhóis: 80-77.

Falia-nos o dardo; não temos ilusões quanto ao destino de Rodrigues, mas Tamegão vale pelo menos o 2.º lugar e assim se completa a pontuação para 93-88.

ANDEBOL

ACABOU O NACIONAL e jogaram os suíços

DEPOIS da triste eliminação do Futebol Clube do Porto do campeonato nacional, motivada pela atitude intransigente e difícilmente compreensível do detentor do título, a derrota do Sporting ante o Vigorosa entregara sem mais discussões o campeonato de 1946 ao Grupo Desportivo da «Cufs».

O encontro entre os dois representantes de Lisboa, marcado para domingo passado, tinha assim o aspecto de simples praxe a cumprir, pelo nada que a sua decisão influiria na classificação final dos competidores.

No entanto, a rivalidade amistosa que existe entre os dois clubes lisboetas, o brío desportivo dos seus jogadores deu à luta o interesse desejável, provando que se pode fazer desporto à margem do objectivo directo de qualquer classificação.

O Sporting, com a linha refrescada pela inclusão de alguns elementos jovens trazidos da reserva, conseguiu vencer os campeões, por 8,5 (é curioso registar que as três vitórias dos «leões» sobre os seus três adversários foram todas alcançadas com o mesmo re-

A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

Ano IV — II Série

Lisboa, de 24 Julho de 1946.

N.º 190

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Diretor e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51146 — LISBOA
Execução: Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

José de Eça

Salazar Correia



Francisco Bastos

QUERE ABANDONAR O ATLETISMO ... MAS PARA FAZER MAIS ATLETISMO!

FRANCISCO BASTOS é dos nossos praticantes de atletismo aquele que melhor sintetiza os predicados que valorizam os atletas excepcionais. Trata-se de um campeão que enfileira prestigiosamente no cimo da classificação dos nossos melhores desportistas da modalidade — por seus méritos de atleta e pelo exemplo que nos dá.

Francisco Bastos impõe-se de modo absoluto. Sente-se claramente o cuidado do atleta na sua preparação, constante e cuidada, ao mesmo tempo que aumenta o seu valor desportivo.

O atleta que mais vitórias tem conquistado — campeão nacional e ibérico — que nunca perdeu nenhuma prova individual em que tem participado, accediu a conversar um pouco connosco. Uma troca de impressões, em que a opinião de um desportista como Francisco Bastos marca.

— Sou talvez um pouco diferente dos outros seus entrevistados — diz-nos o campeão — acredite: está a trocar impressões com um desportista que sente todo o prazer e o bem-estar que lhe transmite o desporto. Prático-o com saudável actividade moral e física. Não julgue que a competição me interessa. Entre nela porque constitue o complemento da vida de um praticante do desporto que há 15 anos enverga uma camisola desportiva. Mas não gosto das competições, sinceramente. O meu sistema nervoso complica-se. Prático desporto por idealismo.

Não nos admirou este desabafo, ou confidência de Francisco Bastos.

— O desporto para mim é sagrado — declarou-nos Xico Bastos. Temos de cortar a palavra ao campeão para lhe arrancarmos as opiniões que nos interessavam, nas esperas do Portugal-Espanha.

— Porque faz atletismo?
— Tinha 13 anos quando me iniciel.

Desde então vivo para a prática do mais complexo dos desportos. Todos sabem que algo uma vida especial, inteiramente de acordo com a minha vida desportiva.

E' sempre com alegria que — ainda a manhã não tem despertado — entro no campo ou corro através dos pinheiros, faço exercicios fisicos compatíveis com a minha modalidade preferida.

Mas que pensa a seu respeito, como campeão de atletismo?
— Que poderia ser muito mais do que aquilo que sou. Mas em Portugal!...

Actualmente, embora me sinta bem, não estou talvez dando tudo o que posso. E não devo defender-me com a distenção que sofri. Desse accidente sinto-me perfeitamente. No entanto, eu, que, em Abril, estava fazendo nos 800 metros, 1 e 58 vim para os 2,2 e 8/10 nos Regionais, e 2,1 e 8/10 nos Nacionais.

— Que marca espera alcançar em Espanha?
— Eu próprio penso n'isso. Não me admirarei que alcance 1 minuto e 56.

Mesmo no decorrer das competições desta época valia essa marca.

— Que prova lhe interessa mais fazer?
— Os 800 metros. Prefiro a prova que obrigue a maior velocidade valorizada pela *ponta final* da corrida.

— Segue a actividade dos atletas estrangeiros?
— Tanto quanto posso. Mas entre mim e eles há certa distância. Ainda estou longe de conseguir uma «marca» como algumas delas. Talvez que se vivesse nesses países lá chegasse...

— Que opinião tem do atletismo português?
— De uma maneira geral a minha impressão é francamente má. Não pelos atletas, que demonstram boa vontade, mas pela organização, se bem que seja o primeiro a reconhecer que a Associação e a Federação pouco mais podem fazer. Ressalva-se até a boa vontade de alguns «caroliceiros» que há anos, esforçadamente, têm feito o máximo. Mas o atletismo português não pode, nem deve, viver de «caroliceiros»... A boa vontade só não chega. Falta-nos tanta coisa!

Há que pensar a sério no atletismo. Sem ofender os rapazes do futebol, é tempo de se reconhecer que o atletismo é a base de uma nação. E' com este desporto que se ampara o futuro de um povo. Compreendamos o exemplo dos países nórdicos. Medite-se por momentos na Suécia, apresentando-nos grupos de 200 atletas a fazerem, todos, tempos «records».

Francisco Bastos, com entusiasmos, alvitra:

— Bem podia o nosso Ministério da Educação Nacional encarar este grande e importante problema. Por que não, seleccionar 20 rapazes, por exemplo, a mandá-los estagiar no estrangeiro, em contacto directo com a grande actividade do atletismo. Colocá-los depois junto de nós, distribuindo-os pelos clubs? Sim, porque nós sabemos bem pouco de atletismo. Depois torna-se necessário o auxilio do Estado ás secções de atletismo dos clubs e dotar a Federação e a Associação com os meios necessários para poderem fazer alguma coisa. Tal como actua, de que em boa verdade não são inteiramente culpados, tem que recair nesses organismos a nossa censura pela sua pouca actividade.

— Apesar de tudo, que impressão lhe deixaram os campeonatos Nacionais?

— Relativamente — decorreram bem. Mas houve atletas que estiveram longe de darem o seu máximo. E estes campeonatos não são mais do que torneios de clubs. Nos Nacionais somos os mesmos que nos regionais só com a diferença de um ou dois representantes do Porto.

Projectos?
— Acabar-se com os campeonatos regionais. Fazer disputar um campeonato de equipas, como no estrangeiro. Creia que todos os nossos «tempo»s haviam de melhorar.

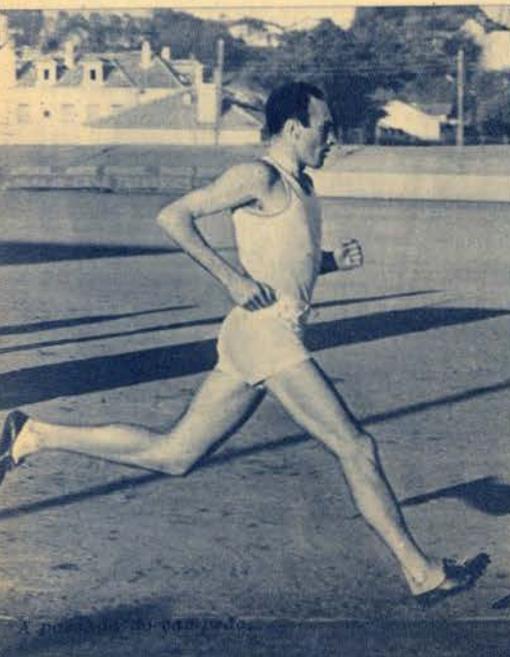
— Que pensa do próximo Portugal-Espanha?
— Mesmo com este pessimismo, julgo que ganharemos, talvez por diferença minima.

— Os seus adversários em Espanha?
— Parece-me que estão bem treinados. Julgo mesmo que toda a equipa espanhola está muito melhor em comparação com a época passada.

(Continua na página 15)

FERNANDO SA'

No Portugal-Espanha, Francisco Bastos agradece os aplausos

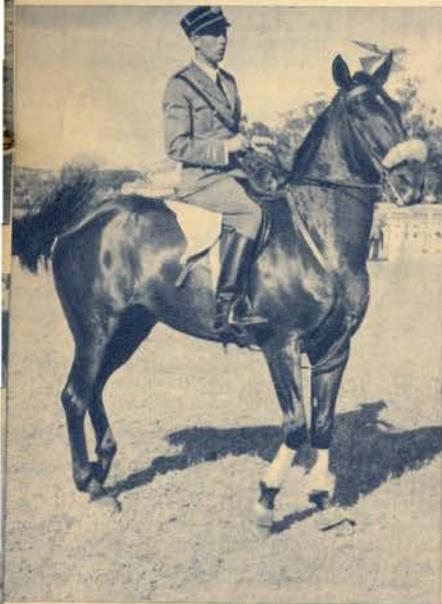


Do emprego para o treino.



"JOCOSO"

UM CAVALO NACIONAL EM EVIDÊNCIA



Barros e Cunha, montado no «Jocososo»

Referimo-nos a «Jocososo», aquele pequeno cavalo que tão conhecido é nos meios hípicas portugueses e com o qual o tenente Barros e Cunha tem alcançado magníficos prémios.

O «Jocososo», com o ferro dos Irmãos Robertos, conhecidos lavradores de Salvaterra de Magos, nasceu em 1934 contando hoje, portanto, doze anos. É um cavalo pequeno — 1^m,54 de altura — preto, possuidor de grande generosidade e de bom e rápido galope, o que o torna animal de qualidades notáveis para provas de obstáculos.

Bastante cuidadoso, voltando com grande facilidade e mantendo uma cadência de galope bastante certa, o «Jocososo» tem conseguido classificações brilhantes, em quatro anos de provas, batendo-se com animais de muito mais sangue e de categoria internacional.

Apareceu em pista em 1942 no Concurso Hípico



Outro salto do «Jocososo» montado por Barros e Cunha



Maria Teresa Ivens Ferraz, domina o «Jocososo» num belo salto

de Lisboa, montado pelo tenente Joviano Ramos, onde obteve o 2.º lugar da prova «Inauguração» e o 8.º da «Omnium».

No ano seguinte, então montado pelo tenente Fernando Cavaleiro, obtem as suas primeiras vitórias, ganhando as taças «G. N. R.» e «Manuel Latino», em Lisboa, e a «Taça Salazar», em Torres Novas. No Concurso de Lisboa, alcança o 3.º lugar da «Omnium» e o 5.º da «Nacional», regressando de Cascais com o 2.º lugar da «Omnium» e da «Caça», o 3.º da «Regularidade» e da «Taça de Honra», e o 5.º da «Nacional».

Sobe ao 1.º «handicap», com 1.600 escudos, e passa a ser montado pelo tenente Barros e Cunha que em 1944 ganha com ele a Taça «Regimento de Cavalaria 7», em Lisboa, e a prova «Nacional» do Concurso do Porto. Classifica-se em 2.º lugar na «Omnium» de Lisboa e de Mafra; em 3.º na «Nacional» e na «Caça», do certame lisboeta, e ainda em 3.º na «Taça Farinha Beirão». Obtem nesse ano 15 prémios, com 4.800 escudos, galgando ao 4.º «handicap». Também em 1944 montado pelo discípulo Helder Mendonça ganha a prova «Juventude», do Concurso de Cascais, e fica em 2.º na mesma prova do certame de Lisboa, montado pelo mesmo cavaleiro.

No ano passado a sua actuação foi notável com a obtenção de cinco 1.ºs prémios, quatro 2.ºs e seis 3.ºs, além de mais cinco classificações.

Montado por Barros e Cunha ganhou a «Nacional», de Lisboa, a «Caça», de Oeiras, a prova «Torres Novas», integrada no Campeonato do Cavalo de Guerra e de novo a «Taça Salazar», e por D. Maria Tereza Ivens Ferraz a prova «Diana» do Concurso da capital. As suas 2.^{as} classificações correspondem ao «Grande Prémio» de Lisboa; à «Onium» e à «Caça», do Porto; e à «Omnium», de Mafra.

Foi assim o 6.º cavalo mais classificado, ganhando 8.250 escudos de prémios pecuniários.

Resumindo diremos que o «Jocososo», obteve até 31 de Dezembro de 1945, 49 classificações com onze 1.^{as}, dez 2.^{as} e doze 3.^{as} e que os seus prémios pecuniários atingem 14.950 escudos — resultados estes que marcam bem o seu incontestável valor.

Esta época, em dois Concursos (Lisboa e Porto) obteve três vitórias, tem cinco 2.ºs lugares e um 3.º o que nos indica que apesar dos seus doze anos não perdeu ainda as suas qualidades de bom cavalo saltador. Não esqueçamos que só num dia do certame de Lisboa ele saltou sem faltas 57 obstáculos!

Isto diz tudo, para mais tratando-se de um cavalo nacional.

ANTAS TEIXEIRA

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

A Federação Portuguesa

tem novos dirigentes

Há resposta

para tudo...

Brevemente publicaremos uma página com esta Secção. As respostas são muitas e o espaço pouco. Portanto, cada pessoa deverá limitar-se a fazer uma pergunta, e só uma.

P. 414 — Qual a razão por que os espanhóis não quiseram deslocar-se a Lisboa na presente época? (Uma pessoa que quer ganhar à Espanha, J. J. R.)

R. 414 — Inventaram vários pretextos, e não sabemos qual será o verdadeiro...

P. 415 — Em sua opinião, acha que Artur de Sousa, mais conhecido pelo Pinga, é o maior jogador português de futebol?

P. 416 — Eu sou madeirense, e tenho a impressão que a minha terra deu alguns jogadores tão grandes como Pinga, a quem acaba de ser feita uma afectiva festa de homenagem. Não terci razão? (De A. Sousa, madeirense).

R. 415 — É sempre extremamente difícil comparar o valor de um jogador com os outros, especialmente quando se trata de gerações diferentes. Pinga foi, sem dúvida, um extraordinário praticante do jogo da bola. Mas o número um deve caber à figura de Arlur José Pereira.

R. 416 — De todos os jogadores madeirenses, Pinga foi aquele que esteve mais em foco. Veio para o continente, e aqui ganhou fama e prestígio. Os outros, a quem possivelmente se quer referir, ficaram por lá, um pouco ignorados. Em abono da sua opinião basta citar o Janota, a quem Pinga, se não estamos em erro, sucedeu no team do Marítimo.

P. 417 — Correm muitos boatos acerca da saída de Feliciano do Belenenses. Que me diz sobre o assunto? (Um azul, de Tavira).

R. 417 — Deixe-os falar. Feliciano continua a tomar banho, tranquilamente, todos os dias em Casias...

P. 418 — Peço o favor de me dizer o seguinte: Qual é melhor, Barrigana ou Correia? E qual é o melhor guardião northeno? (De J. M. O., Um adepto do Futebol Clube do Porto).

R. 418 — Barrigana deve ser melhor; o que não quer dizer que, em uma ou mais tardes, não possa ser suplantado por Correia. O mesmo Barrigana deverá ser, nesta altura, o melhor guarda-redes português. A verdade é que foi escolhido para o grupo da Associação do Porto.

Política acertada

A Federação Portuguesa de Futebol seguiu, especialmente nas duas últimas épocas, uma política acertada — a de auxiliar os clubes portugueses, grandes ou pequenos, na realização das suas justas iniciativas, ou construção de campos ou beneficiações em terrenos já existentes. A orientação — vínculos — não é nova, nem inédita. Mas isso não importa para o caso. Merece incondicionalmente o nosso apoio.

Tempos houve em que, possivelmente, a Federação queria fazer alguma coisa neste aspecto — mas não podia. Faltava-lhe o principal: os fundos respectivos. Mas o futebol espalha-se singularmente por toda a parte, os tempos mudaram, e hoje a Organização pode realmente auxiliar os clubes; no fundo, servir o próprio futebol.

Graças ao amparo federativo, e encorajados por este estímulo, alguns clubes têm-se dado, por essa Província fora, a obras de certo vulto. O apetrechamento futebolístico do país ainda está longe do que devia ser. Mas vamos! Alguma coisa se tem feito. E alguma

coisa se está a fazer, com dedicação e tenacidade!

Por exemplo: numa terra como Estarreja, nasceu há coisa de seis meses um clube, o Desportivo de Estarreja. A colectividade estará presente no próximo campeonato distrital na Divisão que lhe competir. Pois até agora, na construção de um campo, que vai a menos meio, já se consumiram oitenta contos (80 contos!) e as obras projectadas orçam ainda em mais duzentos, pelo menos. Que pede o clubê à Federação? Um auxílio, um estímulo, na sua tarefa de expansão do jogo, e no reconhecimento de que, numa vila importante como Estarreja, não havia ainda um clube de futebol. E' portanto mais um que nasce para a luta — disposto a trabalhar sem desfalecimentos. Como este, outros haverá por este país fora — dignos de uma boa palavra e do auxílio federativo. Não sabemos o rumo que vai tomar a Federação Portuguesa, agora, em novas mãos. Mas temos quase a certeza de que continuará a política acertada, neste capítulo. A Federação é a base do jogo, e só se justifica servindo o futebol.

CONTA-GOTAS

O Sporting começou a festejar, ou vai festejar, os seus quarenta anos de existência. Os anos não o envelheceram. Está cada vez mais forte e robusto, acumulando época a época vários troféus, e salientaremos os de futebol, como é próprio desta página.

Há tempos passou por uma crise de dirigentes. E logo apareceu essa nobre figura de sportingista que é o dr. António Ribeiro Ferreira, o qual, diga-se de passagem, tem conduzido a instituição com apuro e competência inexcitáveis. Também quando o team de futebol parecia soçobrar, a vilória da «Taça de Portugal» ergueu-o de novo.

Os clubes como o Sporting encontram sempre o homem que precisam, assim como as vitórias na altura devida.

Apesar de todas as notícias vindas a público sobre a provável deslocação de António Feliciano, do Belenenses, para o Brasil, a reforçar as fileiras do Vasco da Gama, e da verosimilhança das mesmas, continuamos a acreditar que o grande internacional não deixará o Belenenses.

Certamente — o dinheiro lento, e logo trezentos contos de mão beijada... Mas há coisas que valem mais do que o dinheiro. E os ares de Belém seduzem António Feliciano!

Sempre é verdade o Sporting arrelvar o campo! Era incompreensível que o não fizesse, apesar de todas as razões postas a correr. Sabemos que o clube encarregou um técnico de procurar rebo na estrangeiro — sinal certo de que vão meter ombros à empresa.

O Futebol Clube do Porto continua a trabalhar com invulgar entusiasmo na sua ideia permanente de construir um campo.

Os trabalhos não prosseguem no ritmo tão rápido como todos os portugueses desejariam. Caminha-se, no entanto, a passos firmes e certos na consecução da iniciativa. Neste momento, o Gabinete da Urbanização do Porto conclui o projecto definitivo do Parque de Jogos e a urbanização do local onde aquele foi integrado.

Os internacionais portugueses deram um alto exemplo de camaradagem, todos comparecendo no Porto na festa desse inolvidável Artur de Sousa (Pinga). Bem o merecia o grande elemento. Mas não há dúvida que os jogadores portugueses souberam ser companheiros e amigos. Só quem os viu tratar da viagem para o Porto — é que pode compreender em toda a sua extensão a sensibilidade do seu comportamento!

Já estão empossados os novos dirigentes da Federação Portuguesa, que continuarão a governar o futebol, em regime de Comissão Administrativa, nomeada pelo sr. professor Caeiro da Mata, ministro da Educação Nacional.

A posse foi conferida, no passado sábado, pelo sr. coronel Sacramento Monteiro, e representou um acontecimento de relevo. Falaram os srs. director geral dos Desportos, dr. Bento Coelho da Rocha e professor André Navarro. Os jornais diários publicaram relatos desses discursos. Importa, no entanto, salientar a afirmação do director geral dos Desportos dizendo tratar-se de uma missão espinhosa, e a resposta do novo presidente da Federação, constataciada no desejo de trabalhar e de produzir obra útil e fecunda, a caminho da normalização do futebol.

Para o cargo de presidente do Congresso foi nomeado o sr. engenheiro Reis Gonçalves. A Comissão Administrativa apresenta a seguinte constituição:

Presidente: professor André Navarro. Secretário geral: Raul Vieira. Tesoureiro: Dr. António José de Melo. Vogais: engenheiro Mascarenhas de Meneses, major Gomes Marques, dr. Mário de Miranda Monteiro e capitão Almirô Maia de Loureiro.

Sem dúvida, o núcleo apresentado é constituído por valores; ou pessoas de forte personalidade já vincada em várias actividades públicas, ou pessoas que têm servido o futebol com dedicação. Apesar de alguns dos novos dirigentes não serem muito conhecidos do público desportivo — todos são homens de desporto, mesmo pela prática, tendo sempre acompanhado com interesse o movimento futebolístico do país. Sem desprimor para os restantes, cumpre-nos afirmar que o sr. professor André Navarro é, desde os tempos do Liceu de Pedro Nunes, um praticante entusiástico de desportos, tendo jogado futebol, e com habilidade, nos grupos escolares e ainda hoje praticando ténis com desembaraço e categoria.

Congresso do Luxemburgo

Seguirem no passado sábado para o Luxemburgo, de avião, os srs. capitão António Cardoso, inspector dos Desportos, e major Ribeiro dos Reis, que, como representantes da Federação Portuguesa, tomarão parte nos referidos trabalhos.

A importância do Congresso e o interesse do nosso país na solução de vários assuntos, como a organização do campeonato mundial, justifica aquela representação — que não pode recair em melhores mãos.

CICLISMO

A Pequena Volta à França

ESTÃO em curso, à hora em que escrevemos, duas provas ciclistas de estrada. A primeira, num percurso que abrange o sul e sudoeste da França, está sendo apanágio dos fundistas italianos, salientando-se Bertocci, Brecci, Tacca, Volppi, e outros, que nas escaladas dos colos de Aubisque e de Tourmalet figuraram sempre em plano destacado.

Os franceses e belgas, apesar dos seus esforços, têm ficado para a retaguarda, e a média horária passa de quarenta quilômetros — à hora.

A Volta à Suíça

COM a participação de vários países representados por equipas homogêneas, tais como a Bélgica, Espanha, França, Itália, Holanda e Luxemburgo, Suíça e bastantes corredores individuais (ao todo sessenta fundistas...) um dos quais português, Rebelo, está-se efectuando com grande animação a Volta à Suíça em bicicleta.

TÊNIS

A final europeia da Taça Davis

POR três vitórias a duas a Suécia bateu a Suedeslvia para apuramento do país finalista da zona europeia no torneio de ténis denominado Taça Davis. O encontro realizou-se em Estocolmo, tendo os jogadores nórdicos conquistado um triunfo difícil.

No primeiro dia de provas ambos os tenistas eslavos, José Pallada e Draga Mitic, conseguiram ganhar os seus jogos a Bergelin e Johansson; no dia imediato, após duas horas de luta, o par sueco venceu a parêla balcânica e no último dia Johansson liquidou Pallada, em três partidas, enquanto que Bergelin decidia o resultado final batendo Draga Mitic em cinco partidas, a última das quais precisou de dezoito jogos para decidir o vencedor do encontro e qual dos dois países seria apurado como representante europeu.

O Campeonato do Mundo Profissional

EFFECTUOU-SE em Nova York o campeonato mundial de ténis entre jogadores profissionais. Bobb Riggs venceu, para tal efeito, Frank Kovacs, o favorito, e que, na meia-final, derrotara Van Horn por 1/6, 1/6, 6/3, 8/6, 6/4.

... e o de Forest Hill

DELA quarta vez consecutiva, o tenista amador Frankie Parker conquistou o título do campeão americano ao derrotar Billy Talbert por 6/4, 6/4, 6/2.

Assinem a STADIUM

Stadium

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

QUARE TIMES é o nome do galgo mais reputado e temido de Inglaterra, famoso por ser o mais veloz candeo de todo o mundo. A Sr.^a W. Quinn, uma entusiasta fervorosa das corridas semanais de White City, segura a integridade física do animal — que é sua propriedade... — pela bonita quantia de dez mil guinéus ou sejam mil contos em moeda portuguesa.

Sucedde agora um caso estranho e fora do comum: os donos e criadores de galgos de corridas, despeitados com os brilhantes méritos de Quare Times, fizeram um pacto de mútua assistência, recusando-se a deixar participar os seus cães em qualquer prova onde esteja inserido o brilhante animal.

— «Logo que consta o nome Quare Times figurar na lista dos participantes, é certo e sabido que não há corrida», declarava, há dias, com mal escondida irritação, um empresário.

Sidney Orton, treinador do velocíssimo galgo, dizia com mágoa aos jornalistas: — «Inseri-o numa prova de 525 jardas, no sábado findo, e daí a horas fui informado que a corrida não teria lugar se persistisse em manter Quare Times! Quis concorrer aos Prêmios de Julho e também me anunciaram a defeção completa de concorrentes, caso o meu cão se apresentasse!»

Em resumo, Quare Times é indesejável porque é invencível.

Isto, que sucede pela primeira vez no mundo das corridas de cães, já tem acontecido noutras modalidades desportivas menos restritas. Suceddeu há quarenta anos no jogo do boxe, quando Jim Jeffries, campeão invencível, estava no poder. A certeza da sua vitória era tão segura que o entusiasmo do público baixou imenso, desinteressando-se quase por completo pela modalidade. Depois, com Jack Johnson, sucedeu o mesmo e agora está-se passando com Joe Louis um caso parecido, se bem que atenuado pelas perspectivas que a idade crescente do preto oferecem à imaginação e aos desejos da turba.

Talvez haja que extrair do caso uma ilação útil: o verdadeiro estímulo das competições desportivas está no equilíbrio de valores e na certeza de probabilidades equivalentes. A superioridade total, absoluta, dum concorrente, sendo definitiva e invencível, contraria a ideia-mater do desporto e reduz a prova a um facto semi-certo, despojado de qualquer emotividade.

R. B.

GOLFE

O campeonato irlandês

REALIZOU-SE na sexta-feira passada, em Dublin, o campeonato livre de golfe, isto é, aberto a amadores e profissionais, participando alguns dos melhores praticantes ingleses, australianos, sul-africanos, etc. A prova efectuou-se em quatro voltas e no fim da segunda marchava na dianteira Bobby Locke, com 144 tacadas e jogando magnificamente. Depois, na terceira, o irlandês Fred Daly abriu caminho para a vitória, concluindo o percurso em 69 tacadas e ganhando 200 libras de prémio. A última volta foi um grande duelo entre Locke e Daly, acabando o irlandês por dominar o australiano por 4 tacadas de vantagem.

O resultado final dos dois concorrentes foi o seguinte: Daly — 72, 73, 69, 74; Locke — 73, 71, 72, 76.

RUGBY

Os jogadores ingleses na Austrália

OS futebolistas de bola oval que se encontram em digressão pelo continente australiano, na qualidade de representantes oficiais da Liga Inglesa de Rugby, conquistaram recentemente outra estrondosa vitória, derrotando a selecção do Distrito Norte, em Sidney, por 53 pontos a 8.

Se bem que este resultado não seja o maior registado pelos turistas britânicos — ganharam já, no começo do mês, ao grupo Mackay, de Brisbane, por 94 pontos a zero — constitui no entanto um resultado sensacional.

Separata: "Biografias desportivas"

BOXE

Um castigo exemplar

LUIS DE SANTIAGO, que derrotou Wilson no Campo Pequeno por fora-de-combate, foi agora punido com três meses de suspensão pela Federação Regional do Centro, multado com a devolução de 50 por cento da bolsa em benefício do empresário e 500 pesetas de multa, tudo isto por falta de desportivismo evidenciado no combate que susteve com o italiano Bonelli.

Esta punição foi aplicada para zelar o bom nome do desporto e o interesse do público lesado.

Bem haja!

Eduardo Lopez vence por K-O

A FIM de aumentar o interesse do público pelos combates do Campeonato de Amadores de Castela, organizados pela Federação Regional do Centro, esta entidade dirigente resolveu — e muito bem — incluir, como fecho do espectáculo, dois encontros entre profissionais de nomeada.

No primeiro, o nosso conhecido Eduardo Lopez, bom esgrimista mas lento e monótono, ganhou por fora-de-combate a Jimenez, ao quarto assalto.

No segundo, Torres derrotou por pontos a Testillano.

Kid Tunero, em Lisboa

O excelente pugilista cubano Kid Tunero consta que lutará brevemente em Lisboa, mas não se conhece ainda o nome do seu adversário.

Em Espanha

JUANITO MARTIN combateu o italiano Aldo Minelli em Valência, mas perdeu a decisão pontual depois de um combate monótono, que teve fases da mais banal vulgaridade.

No encontro do meio-fundo, Ben Buker, marroquino, ganhou amplamente ao pugilista catalão Teodoro Gonzales, dominando-o de modo indiscutível e claro durante todos os assaltos.

HIPISMO

Um cavaleiro de categoria

GORDON RICHARDS, o famoso jóquei inglês que durante a presente temporada mais se tem distinguido, conquistou agora a 93.^a vitória, montando a égua Blue Gem, na corrida Abbey Mile Plate, de Bath.

A FESTA anual da **F.N.A.T.** constituiu um espectáculo

empolgante de beleza, colorido e vida



O cortejo dos estandartes conduzidos por gentis raparigas



Um belo exercício, com arcos, desenvolvido modelarmente pela classe feminina da F. N. A. T.



A classe masculina de trabalhadores num exercício pleno de beleza e harmonia



Saudando o st. dr. Castro Fernandes, que presidiu à festa anual dos trabalhadores portugueses



Os exercícios são executados, às ordens de Maria de Lourdes Tainha, com sincronismo e elegância.



Um conjunto da classe feminina das trabalhadoras portuguesas que se exibiu com agrado absoluto

VISTOSO e alegre o conjunto do Festival de Educação Física em que tomaram parte os desportistas e as classes de ginástica, feminina e masculina, dos vários cursos de trabalhadores da Fundação Nacional para o Trabalho.

Este 7.º Festival da F. N. A. T. valeu especialmente pelo que exprime da actividade que estão a dispende os vários Centros de Alegria daquele organismo. O desfile teve beleza, com suas bandeiras e estandartes. As raparigas, esbeltas, receberam o sol com alegria. Seguiram-se os desportistas, formando classe de bom aspecto — movimentos rápidos completando marcha em cadência enérgica.

A obra da F. N. A. T., pelo que vimos no estádio das Salésias, pode e deve alargar-se, concluindo brilhantemente um objectivo de extraordinária importância: levar todos quantos trabalham ao prazer de uns momentos no salutar contacto com a educação física, os desportos, a vida ao ar livre. E sobretudo pensar, mais ainda, nessa gente nova, que anda espalhada pelas fábricas e oficinas. Esta obra de desporto e de educação física da F. N. A. T. é necessária, e a sua acção devia alargar-se ainda muito mais.

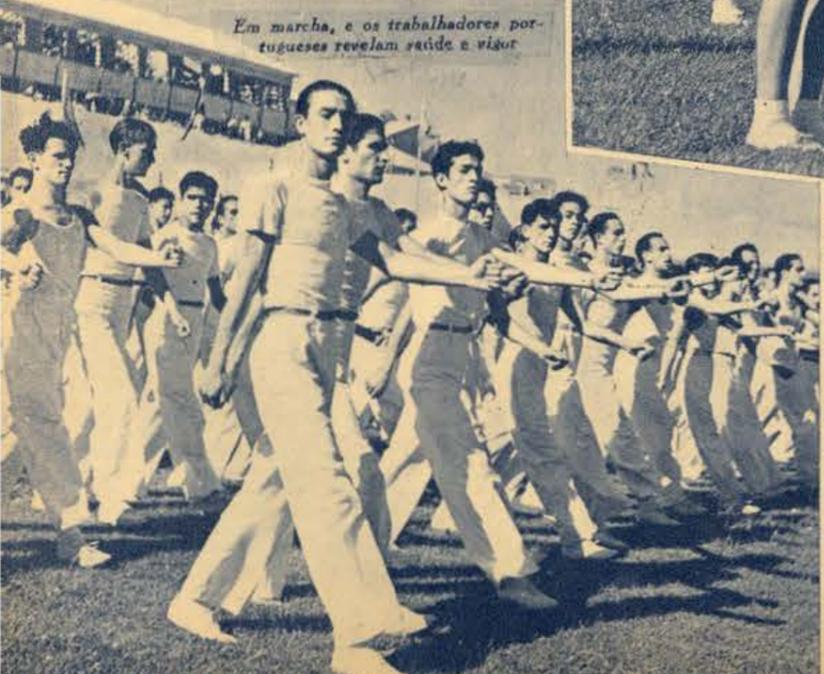
O festival decorreu da melhor forma. A classe masculina, dirigida pelo capitão João José Domingues exibiu-se correctamente. O esquema foi cumprido com perfeição, notando-se a facilidade com que os 160 alunos desenvolveram a sequência do exercício.

A classe de ginástica feminina impressionou ainda mais. No momento em que a mulher portuguesa nos parece mais afastada dos campos de desporto, aquelas 180 raparigas constituíram um grito harmonioso de incitamento a todas as raparigas portuguesas. Maria de Lourdes Tainha, dirigiu o formoso grupo que se exibiu com acerto e graciosidade.

Provas de atletismo, dirigidas por José Batalha preencheram com agrado uma parte do programa.

E a festa terminou com vistosas e emotivas demonstrações de jogo do pau — a esgrima portuguesa — dirigidos pelo director e pelo mestre do Grupo do Jogo do Pau de Cabeceiras de Basto, srs. Manuel Marques e Adelino Barroso. Um espectáculo de beleza e alegria deste inolvidável festival de Educação Física da F. N. A. T.

F. S.



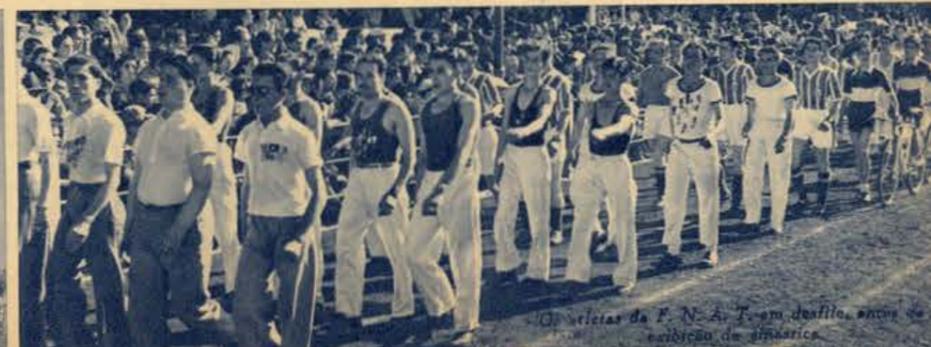
Em marcha, e os trabalhadores portugueses revelam saúde e vigor



A magúfca demonstração do jogo do pau por atletas



Atletas que tomaram parte nas provas



Os atletas da F. N. A. T. em desfile, antes da execução de ginástica

Comentários

A Volta a Portugal

«Diário de Notícias», com a colaboração técnica do «Mundo Desportivo», vai organizar novamente este ano a Volta a Portugal em bicicleta. Eis a notícia desportiva de maior importância que veio a lume no decurso da semana finda.

Estão de parabéns o ciclismo nacional, que recupera a sua prova de maior projecção, e o público português, que durante a temporada morta dos seus divertimentos favoritos vai reanimar-se ao calor da paixão desportiva e viver durante três semanas no anseio dos resultados de uma luta diária que o apaixonava pela sua diversidade e pelas contingências que, de um momento para outro, lhe podem modificar por completo o aspecto.

Somos forçados a reconhecer que, apesar dos esforços dos dirigentes e do sacrifício dos organizadores, a popularidade do ciclismo, a sua expansão e o interesse das competições decaíram consideravelmente.

As circunstâncias dos últimos anos não foram favoráveis; a grande dificuldade em obter o material necessário, as restrições na circulação de automóveis foram empecilhos agravantes. Os programas reduziram-se ao mínimo oficialmente estabelecido, desinteressaram-se alguns clubes cuja presença é indispensável à vitalidade de qualquer desporto e o ciclismo baixou do seu pedestal; baixou, sobretudo, porque nos faltou a Volta, o estimulante insuperável, o factor determinante dos progressos anteriores, a mola que impulsionara a modalidade à conquista do entusiasmo da população de Portugal inteiro.

Ressurge em 1946 a Volta a Portugal em bicicleta e, na expectativa de novas peripécias e da revelação de novos ídolos, a lembrança recorda-nos logo, imperativamente, a saudade dos trágicos duelos entre o Nicolau e o Trindade, a surpresa da descoberta do Faisca, a força dominadora do Joaquim Fernandes, do César Luis, do Inácio, a subtilidade do Ildefonso e a inteligência do Marques, nomes do passado, que não encontraram sequência de popularidade no presente.

Sejam quais forem as características da prova que vai começar de três semanas, o seu êxito está assegurado; Portugal inteiro vai acorrer à beirada das estradas, aglomerar-se nas ruas das povoações, desde as cidades às mais humildes aldeolas, para ter durante escassos segundos a visão alegre e dinâmica do grupo políromo dos corredores que passam pedalando, pitoresca e rara da caravana ruidosa que os acompanha, trazendo consigo uma

nota de ineditismo na monotonia da existência local.

A Volta é, sem dúvida, um acontecimento nacional, a organização desportiva que a maior número de pessoas interessa no país; tem os seus adeptos e os seus apaixonados, aqueles que alguma vez nela se encorporam e, presos do seu encanto, já sonham talvez em conquistar um posto que lhes permita repetir a peregrinação.

Esgrima contra o vento

Apreciação dos acontecimentos a que o apreciador está ligado por interesses directos—sobretudo quando essa ligação é função directa das apreciações formuladas—é muito difícil de ser apresentada com isenção e justiça. Aceitar a verdade, quando ela contraria os próprios interesses ou paixões, requer uma alínea de carácter incompatível com hábitos de egocentrismo ou autopropaganda; exige que se perca o hábito de escrever com o verbo invariavelmente na primeira pessoa do singular.

Temos acompanhado com atenção aquilo que, a propósito dos tempos do corredor Tomás Paquete na corrida de 100 metros, se tem escrito na imprensa desportiva portuguesa.

Com opinião formada, verificamos que era idêntico o critério de julgamento da quase totalidade dos críticos técnicos, exceptuando-se apenas a do treinador do atleta em questão, que alimenta uma campanha em prol da homologação dos resultados de Paquete, cuja argumentação nos parece, no entanto, errada e perigosa.

Em primeiro lugar, há uma tendência para desvirtuar o fundo da polémica e que é falsa; ninguém contestou a classe de Tomás Paquete nem a excelência da sua forma, pois em todos os jornais se leu que ele era, de longe, o melhor corredor de velocidade contemporâneo e igual aos melhores de qualquer época. Sobre este ponto houve unanimidade de pareceres e são descobertas insinuações.

Da simula das apreciações expandidas, chegámos à conclusão de ser fundamentada opinião geral que o vento soprando forte ajudou o corredor além do que o permitem os regulamentos, pelo que os seus resultados não podem ser reconhecidos como re-

cordes oficiais. Isto é que é honesto.

Paquete deve valer presentemente 10,7 s. aos 100 metros, o que é excelente; poderá alcançar os 10,6 s., como poderá ficar nos 10,8 s., porque a disposição de um atleta, por maior que seja a sua classe, é sujeita a oscilações.

Mas que se admita esta doutrina não é motivo para sancionar factos que se reconhecem irregulares; e a argumentação que joga com erros passados para justificar novos erros, não sabemos nem queremos julgá-la como merece.

A tabela nacional de records é a nossa carta de crédito ante a opinião internacional; exactamente porque progredimos, porque estamos em época de reorganização e disciplina, temos o dever de impor o máximo escrupulo nas nossas decisões que transcendam do resultado imediato.

Que o vento soprava tempestuoso no Jamor e no Lumiar—embora com momentânea acalmia aparente no momento da partida da final dos 100 metros—é incontestável; que os dirigentes falharam, de ambas as vezes, à sua obrigação, não medindo a velocidade do vento, é, também, incontestável e por isso merece censura. Mas para efeitos de homologação exige-se uma certeza; há a garantia de que o vento soprava a menos de dois metros por segundo? Não há!

Logo, os tempos não podem ser oficializados e, se Paquete beneficiou com os conselhos do seu treinador tanto quanto este afirma, regozijemo-nos, porque o prejuízo será apenas questão de tempo.

S. C.

HOQUEI EM PATINS

Os campeões de Portugal

ultrapassaram uma centena de "goals" no Torneio Lisbonense

com Jesus Correia e Correia dos Santos em evidência

mo. Jesus Correia, à primeira centena, completou 47 goals marcados e Correia dos Santos 46. Até onde irá a capacidade de ambos?!

Mas não é sómente em categoria principal que o Paço de Arcos denota ascendência. Igualmente em reservas: com cerca de 60 goals obtidos e o mesmo número de triantos (12); e em 3.^{as}, embora conte menos um ponto que o Benfica, favorito, com quem perdeu por 3-4, tem 41-9 contra 23-14 do leader, portanto mais 18 e menos 5.

Isto é bonito. Realmente bonito.

Accentue-se que a única derrota do Paço de Arcos foi aquela mencionada acima (contra Benfica: em 3.^{as})—porque no «resto» (e são 26 jogos!) nem um empate sequer consentia... Tudo triantos.

O campeonato—perdido o interesse da lata para o título, pela enorme superioridade dos campeões nacionais—tem cario-

sidade na conquista da posição imediata. Quem ganhará a «entrada» no torneio máximo—ao lado do Paço de Arcos e dos dois representantes do Porto—Hoquei de Sintra, Benfica ou Sporting de Oeiras, Académica e até mesmo Futebol Benfica?!

Algumas cariosidades mais: na primeira volta da prova lisboense venderam-se 10.118 bilhetes e houve 376 transferências. Isso rendeu 44.152 escudos! As despesas totais importaram em 22.240\$35, o que dá, feitas as contas, um saldo positivo de 21.911\$63, com a distribuição seguinte: F. P. Patinagem, 3.560\$75; A. P. Sal, 4.747\$95; clubes (excepto Ateneu e Campo de Ourique, com o prejuízo de 426\$50), 14.029\$45.

De onde se infere, afinal, que o hoquei em patins é modalidade desportiva trianfante—e que dá proventos...

Jorge Monteiro

Stadium

BENI LEVI ganhou por fora-de-combate

mas graças a uma cabeçada involuntária

OS combates que se efectuaram no Parque Meyer, na noite de quarta-feira, deixaram poucas saudades, se bem que o motivo principal do seu fraco relevo se deva atribuir, em grande proporção, a circunstâncias imprevistas.

Primeiramente, Claudino Correia (57 quilos), que usa como nome de guerra a palavra «Peiró», bateu-se contra Lino Domingos, que lhe levava dois quilos de vantagem. Correia está muito verde de sabedoria e não mostrando sombra de progressos e, quanto ao seu adversário, notámos-lhe abundância de cabelo, a mais, e experiência, a menos.

Os 2 primeiros assaltos consumiram-se num estado demasiado inexpressivo e, no imediato, «Peiró» arrancoa com lra bravo, desbastando a fisionomia do contrário. Apesar de francamente atrapalhado, Domingos sustentou a polémica, mas o árbitro, ao meio do round seguinte, parou o combate sem motivo justificado, concedendo a vitória por inferioridade a Claudino Correia.

Foi uma decisão precipitada de Walter Pressler, a quem, decididamente, faltam qualidades para exercer a função.

A luta seguinte, entre Cruz Passos (59 quilos) e o espanhol

Joaquim Diez (57,900), teve como atributo a sua dureza. Passos é um rapaz forte e batallador, mas pouco brilhante a esgrimir por falta de técnica. Se estivesse melhor a esgrima de punhos, poderia ser um bom pugilista, daqueles que o público aprecia. Durante os dois primeiros períodos, Passos martelou duramente a cara de Diez, marcando-lhe o pómulo esquerdo. Errou, porém, na tática de bater com golpes curvos, em lugar de directos seguidos de curvos, como se impanha. A guarda aberta do espanhol proporcionou-lhe encaixar alguns socos cheios de «mostarde», em particular um, no nariz.

Passos mostrou a sua falta de treino, fatigando-se a partir do 3.º assalto, que foi aliás o seu melhor, colocando socos de detenção muito rijos e sucessivos.

No final dos 6 assaltos a vitória pontual de Diez era merecida, tanto mais que Passos empregou a cabeça profusamente e sem precisão. O árbitro decidia-se pelo empate o que, não sendo justo, não foi também escandaloso e se pode admitir como opinião.

Aconselhamos Cruz Passos a cair da sua técnica, pois tem faculdades e pode ascender acima da mediania.

O combate de meio-fundo entre Young Ciclone (58,700) e Guilherme Martins (62,300) acabou com a vitória do português.

A luta foi pouco emocionante e não teve o brilho da primeira, realizada no Coliseu, mas deve-se isso ao modo como o espanhol boxou. Guilherme Martins, melhor preparado e ágil, cobria-se bem. Procurou desde início esgrimir e não batalhar contra um

adversário mais forte e mais completo, que abasoa do «swing» sem vantagem e não linta com a pericia que lhe vimos pôr à prova no Coliseu.

Consideramos o espanhol como um dos bons pugilistas do país vizinho que nos tem visitado, mas não quis pôr (ou não estava num dia inspirado...) na quarta-feira toda a sua capacidade em evidência.

A decisão pontual a favor de Guilherme Martins pode aceitar-se sem protestos e a maneira inteligente como se bateu confirma a sua classe, dentro do meio pugilístico nacional.

Por fim, o combate de fundo entre Beni Levi (65,100) e José Alamo (67,300), campeão das Canárias, teve um desfecho imprevisto e aborrecedor. Após um primeiro assalto de estudo, sem troca efectiva de golpes, e um segundo, durante o qual o moçambicano ensinou alguns socos duros mas pouco precisos, deu-se o incidente que pôs termo à luta.

Levi, no seu próprio canto, acurrado, entrou ao abdome e o espanhol curvou-se para diante. Simultaneamente, o português bateu com a cabeça no maxilar de Alamo, violentamente, derrubando-o com brusquidão sobre a lona, onde foi contado fora de combate.

O árbitro devia ter desclassificado Beni Levi, mas não viu a cabeçada do lugar onde se encontrava e, além de tudo, as acções foram muito curtas e simultâneas.

Como desfecho imprevisto e irritante, não poder haver pior, mas a imputação não cabe a ninguém.

Em resumo, uma sessão que podia ter sido agradável, mas deteriorada por motivos estranhos à vontade do Homem.

Rafael Borradas

HIPISMO

As últimas provas

do Concurso de Lisboa

e o certame da Capital do Norte

COMO o Concurso Hípico Oficial do Porto estava este ano separado em dois dias apenas do de Lisboa, resolvemos incluír nesta crónica as apreciações sobre os resultados verificados na Fonte da Moura e os obtidos nos derradeiros dias do certame lisboeta.

Podemos assim chegar melhor a determinadas conclusões acerca deste ou daquele conjunto dos que tivessem actuado nos dois certames e formar sobre eles uma opinião mais firme.

Já em anteriores trabalhos nos referimos às provas «Omnium», «Caça» e «Tari» do Concurso de Lisboa, ganhas, respectivamente, pelo tenente-coronel Navarro, da equipa espanhola, montando «Quorum», capitão Guedes de Campos, no «Ribamar», e comandante espanhol Joaquim Nogueiras, no «Nerval». Também fizemos larga referência à vitória da equipa constituída pelos capitães Hélder Martins, Pimento da Gama, José Carvalhosa e tenente Alves Pereira, na «Taça de Ouro da Península», a 5.ª consecutiva que se alcança no importante troféu.

Entre as restantes provas do Concurso, é justo destacarmos hoje, pela sua importância, o

«Grande Prémio», que o comandante Nogueiras, que já vencera em 1943, voltou a ganhar, desta vez sobre «Ranchero», a «Regularidade», que proporcionou uma lauzada vitória ao tenente Barros e Canha no «Jocoso»; animal que nesse dia provou bem a sua espantosa generosidade —, a «Nacional», em que se revelaram mais uma vez as qualidades do mesmo cavaleiro e do mesmo cavalo; e a «Taça de Honra», que, por deliberação do júri, foi atribuída ao comandante Mañiz, na égua «Tariña», por entre os protestos do público, que esperava, e bem, a vitória do capitão Guedes de Campos no «Congo».

No decorrer de todas estas provas e ainda nos restantes, que, para não alongar estes apontamentos, omitimos proposadamente, foi-nos grato registar uma superioridade técnica da parte dos nossos cavaleiros, que só não se traduzia em resultados práticos devido pura e simplesmente à extraordinária classe dos cavalos da equipa espanhola — bons, bastante bons, entre os quais queremos apontar «Quorum» e «Ranchero».

A medida que o Concurso ia decorrendo, a nossa equipa internacional deste ano melhorava

de prova em prova, mostrando uma adaptação às montadas que alteraria os resultados de Madrid se este Certame se tivesse realizado depois do nosso. Como exemplo mencionaremos os conjuntos formados por Pimenta da Gama no «Xerez», Carvalhosa no «Tete», Joviano Ramos no «Voaga» e Guedes de Campos no «Congo». Absolutamente aliçados.

Uma excepção única, para «Raso», que em Lisboa pouco brilhou, conduzido por Joviano Ramos, salvo no «Grande Prémio», em que se creditou 2.º, e que voltou às mãos de Correia Barreto, que em quatro provas do Concurso do Porto com ele alcançou logo duas vitórias («Omnium» e «Taça de Honra»). Entre Barreto e o magnífico cavalo argentino há um poder de adaptação que não consegue ser suplantado facilmente, o que nos prova que o povo tem razão quando afirma que «o seu a seu dono...».

Já no Concurso do Porto, refere-se ainda a boa vitória de «Tete» no «Grande Prémio», montado por Carvalhosa, a provar-nos o equilíbrio do «conjunto» verificado em Madrid e Lisboa; a actuação de Barros e Canha, no «Jocoso» — 2.º da «Omnium», do «Grande Prémio» e da «Nacional» —; a vitória de Maria Teresa Ivens Ferraz na prova «Amazonas», que também ganhara em Lisboa, e a melhoria de forma de alguns conjuntos, como, por exemplo, Miranda Dias «Brioso III», Joviano Ramos «Douro» e Almeida Santos «Beduíno».

Isto indica-nos que os próximos concursos de Mafra e Cascais nos trarão maior equilíbrio, dificultando os resultados e dando-lhes portanto mais forte interesse.

Antes Teixeira

NATAÇÃO

A Piscina-Praia da Curia

tem um novo director técnico

CURIA, 10 — Para a presente época de 1946 assumiu a direcção técnica da Piscina-Praia da Curia — uma piscina modelar e admirável — o conhecido nadador e *recreador* de velocidade, Vasco Carreiras, do Sport Algés e Dafundo.

Vasco Carreiras será ao mesmo tempo o instrutor de natação e a referida Piscina, havendo desta maneira a certeza de um ensino competente. E de aguardar que aumente esta época o número de novos alunos, prestando desta maneira a Piscina-Praia da Curia um bom serviço à natação e ao turismo desta região.

Crónica de Toiros

O PASSE-NATURAL de 3 TOUREIROS PORTUGUÊSES

A "Vito," e Vizeu deu Sevilha o seu voto, e não será Lisboa que lhes ponha o véto. Bem esteve Manuel dos Santos, da Golegã, mas não se deve esquecer que ao toureiro de Sevilha, e ao de Lisboa couberam os piores novilhos, e que vai sua diferença da vila às cidades.

Dir-se-á que os novilhos do sr. João Núncio foram todos piores uns que os outros, mas os de "Vito," e Vizeu foram os piores dos piores, todos "desparramaban," a vista, todos investiam incertos, mas, a partir do terceiro todos se deixaram tourear por um dos lados, e os dois últimos pelo esquerdo.

Como os seus primeiros, que se metiam pelos dois lados, nada puderam nem "Vito," nem Vizeu, nem poderiam Montes nem "Guerrita,". E assim o público o entendeu, gritando "toca, toca!," como em Espanha se gritaria "Mátalo pronto, y como puedas!,"

Mas, com o terceiro, que indicava bem o lado por onde devia ser toureado, ponde Manuel dos Santos marcar o seu primeiro exito da nocturna do Campo Pequeno. Também o segundo de Vizeu se deixava tourear pelo lado esquerdo, e Diamantino fez o que podia e devia, uma "faena," à base de passes naturais e iniciada com vários por alto, mais erguido que a Giralda e mais parado que a Conferência da Paz. Seguiu-lhe as pisadas Manuel dos Santos, também por "naturales", e aqui foi a primeira experiência da bomba atómica, antecedendo a experiência da Golegã, que é a terra de Patrício Cecílio e do seu discípulo Santos, que toureia como os anjos, e com cara de anjinho. Parecia que não quebrava um prato, e quebrou-os na cara de "Vito" e de Vizeu que apanharam o que se chama um banho, aos pés, dirão eles. Está valentão o rapaz, e tem habilidade e até certa picardia para o toureiro. Enfim, novilheiro "habemus", em Portugal, e talvez em Espanha se lá fizer o mesmo e estiver decidido com a espada. E assim, e sem o "Monstro", ainda que talvez com o "Ciclone", podem se em Portugal organizar boas novilhadas, embaratecendo o espectáculo que deve ser popular, para todos e não apenas para os ricos. E assim se resolve o problema tauromáquico nacional, tal como em Espanha e no México, onde se não podem organizar espectáculos com mais de 50 % de elementos estrangeiros. E assim, com dois novilheiros portugueses no cartaz, já se justifica a presença dum único cavaleiro, como aconteceu na primeira nocturna do Campo Pequeno, em que Alberto Luis Lopes fechou com dois bons curtos e um bom par a duas mãos pelo que foi ovacionado. Dos novilhos do sr. João Núncio, metendo-se por ambos os lados, ainda que alguns se metessem apenas por um, repetiremos o que disse um conhecido caudilho que já foi "ganadero": pareciam todos filhos do sentimental "Busca pé". A caspasia espanhola, mas a casta era do pior, a pedir matadouro. Mas, voltando aos novilheiros portugueses, que constituem a ordem do dia tauromáquico, declaramos que, merecendo todos ser animados, bem está também que se fomente o indispensável partidatismo, que ainda é a melhor forma de animar as artes tauromáquicas.

E até os críticos tauromáquicos podem ter suas preferências, porque a festa é de paixão e não se pôde exigir ao crítico, calma absoluta, ainda que tenha mais responsabilidades de reflexão.

Desde Lagartijo e Frascuelo até Bomba e Machaco, sempre os críticos se dividiram para alentar a batalha. Com Augusto Gomes e Diamantino Vizeu limitámos os entusiasmos, até que vimos o segundo matar bem em Sevilha e sabermos que o primeiro o fez bem em Madrid. Augusto Gomes provou em arena, de verdade que sabe tourear, o que já não é pouco, e Diamantino que tem estilo próprio

Veremos o que em idênticas circunstâncias faz Manuel dos Santos. Até lá, bem está que os partidários do toureiro da Golegã, afirmem a presença do seu toureiro nesta "idade de ouro do toureiro-português", como já se lhe chamou.

E é bom irmos pensando nos nomes dos tais partidos. Seguindo a terminologia tradicional na tauromaquia, serão "Augustistas" ou "Gomistas" os de Augusto Gomes, "Diamantistas" ou Vizeistas, os de Diamantino Vizeu, e "Manuelistas" ou "Santistas" os de Manuel dos Santos; mas, a verdade é que não soam bem estas designações partidárias. E como o caso não é para ser levado tão a sério como o levámos, "Gallistas" e "Belmontistas", bem poderiam ser "Augustinhos" os de Augusto, "Anjinhos" os de Diamantino, porque é do bairro dos Anjos, e "Santinhos" o de Manuel dos Santos. Que lhes parece?

Motivo de discussão partidária poderá já ser o passe natural, que é o melhor do toureiro, tal como o executa cada um dos tres toureiros portugueses, segundo as fotos que publicamos, de Augusto Gomes, de Diamantino Vizeu e de Manuel dos Santos.

De qual gostam mais? Que a pergunta, bem o sabemos, terá resposta consoante o partidatismo de cada qual; mas, não vão julgar pelo momento em que a fotografia foi feita, mas sim pelo que terá sido o passe em conjunto. Gomes dobra a cintura como de Belmonte a Marcial: Vizeu assemelha-se já à tranquilidade de "Manolete", aguardando tranquilo, e Santos até parece o também jovem "Pepin". E ninguém diga que nestas semelhanças não vá para os tres a simpatia de



Manuel dos Santos



«Vito»



Diamantino Vizeu

EL TERRIBLE PÉREZ



O 1.º team do C. D. de Santa Clara, dos mais antigos da ilha de S. Miguel. De joelhos: Artur, Renato, A. Silva, Vicente e Garcia. De pé: Branco, Simões, Ferreira, Cristiano, Henrique e Moniz



Melato é o antigo médio centro do F. C. do Porto, que regressou ao Vianense, de cuja equipa é capitão. Ele-lo com a Taça Bento Coelho da Rocha, que o seu clube ganhou



Luanda tem as suas tradições no campo desportivo. Já o temos afirmado várias vezes. Publicamos neste número, em baixo, um aspecto do Estádio da cidade, que a Camara Municipal vai arranjar, colocando-o em condições magníficas. O sr. Comandante Manuel Magno Romão, presidente da Camara e comandante da Polícia de Angola, e cuja fotografia publicamos, tem-se esforçado para que assim suceda



1—O Centro dos Antigos Alunos do Instituto Missionário Salesiano, do Estoril, preocupa-se com os exercícios físicos. Aqui se vê isso mesmo, de alto a baixo: Jacinto Fernandes Santo, de Evora, num salto à vara.

2—Jesuino Pina de Almeida, num salto de plinto.

3—Outro salto, «mortal» de Jacinto Fernandes Santo.

Stadium na PROVINCIA



AUGUSTO MELO



No Porto, há dirigentes. Como em toda a parte, evidentemente. De quando em vez, lá se presta homenagem a este ou aquele, sempre devido a iniciativas de amigos, de um clube, de uma Associação...

Mes o Porto, — a capital do Norte e seus núcleos adjacentes, por mais directores que crie, não consegue, ou não tem conseguido, pelo menos, lugares nas cadeiras mais categorizadas do desporto nacional.

Sucedem-se comissões e outras comissões, concertam-se gerências a cada passo, — mas o Porto é como se não existisse... Pouca sorte. O Porto não sabe mentir, e por isso lhe acontecem estas coisas e outras que o tempo e o espaço não deixam apontar.

De entre os bons desportistas que o Norte se orgulha de possuir, a despeito de tudo, parece-nos que Augusto Melo, do Vilanovense Futebol Clube, ocupa um dos primeiros lugares. É novo. Mas comanda há muitos anos, primeiro em postos secundários, depois como presidente da direcção do simpático e invejável clube de Gaia.

Há pouco tempo foi-lhe prestada homenagem. Justíssimo. Augusto Melo, nos tempos em que Laurindo Grijó, Augusto Valente, dr. Urgel Horta, Joaquim Grijó, Portugal, Joaquim Rocha, Armando Sampaio e muitos mais formavam na linha avançada do velho clube de Soares dos Reis, era um novo que já denunciava as suas possibilidades.

Chamaram-no. Pela experiência... Pois em boa hora o fizeram. O rapaz tornou-se homem, e sempre a trabalhar pela sua admirável colectividade. Criado em boa escola, ajudando afetos, servindo na secretaria, acompanhando todos as equipas que representavam o clube — Augusto Melo conquistou o seu lugar. O lugar de hoje. Sem tropeçar seja quem for, sem mendigar fora do seu clube uma posição, sem se servir de balofo prestígio, — numa palavra: — sem se pôr nos bicos dos pés...

(Continua na pag. 15)

Mosaicos nortenhos...

E NATAÇÃO? É a pergunta de maior actualidade no Porto. Por falta de local próprio, que há muito tempo se reclama, os dirigentes desta modalidade, simpáticos a insistir, embora ingloriamente, fazem disputar em Espinho, no Solário Atlântico, as futuras provas oficiais.

Achemos bem. O melhor possível. Desde que nesta cidade não pode ainda resolver-se o problema, parece-nos justo que os poucos praticantes apresentados pelos clubes tomem ao menos contacto com os piscinas autênticas.

Ao menos valha-nos isso...

♦♦ **GANHA** volta a ideia de confiar a Artur de Sousa a preparação dos juniores do F. C. do Porto. De facto, os rapazes principiantes ficam em boas mãos — assim Artur quisesse ter paciência e dedicar-se-lhes de alma e coração.

♦♦ **PRINCIPIOU** o campeonato regional de hoquei em patins, com o Académico e o Infante de Sagres em evidência. Que o Vigoroso, Académico de Espinho e Carvalhos dão boa luta.

Já outro tanto se não poderá dizer do F. C. do Porto, último da classificação. O popular clube nortenho principiou há pouco tempo, e os bons «teams» não se improvisam. Se não houver por lá desânimo, ainda as coisas poderão melhorar.

De contrário...

♦♦ **VAL** efectuar-se a «Volla», e no Porto também há interesse. Mas... e equipa?

Lembra-nos, e isso poderia e deveria tentar-se, que o F. C. P. solicite a quem de direito a inclusão de Império Santos no seu conjunto. Embora Onofre Távares seja muito novo, talvez não deixasse de fazer boa equipa com Fernando Moreira e Império Santos.

Vamos a isso? A tentativa poderia ser coroada de êxito, e sobemos que um dirigente da Federação Portuguesa de Ciclismo, consultado, deu a ideia inteiro aplauso.

♦♦ **ALVES TEIXEIRA**, nosso prezado camarada da imprensa, será o presidente de uma Comissão Administrativa da Associação de Andebol do Porto.

Trata-se de um desportista sabedor. Saberá escolher, naturalmente, os seus colaboradores. Isso é por certo muito importante, para que não surjam mais êrrots lamentáveis. E vida nova, se for possível...

♦♦ **PENSA-SE** em reforçar a equipa de futebol do F. C. P., e indicam-se já vários nomes. Tudo gente sem cortei, sem fama. Às vezes é melhor assim.

Desde que os novos sejam bem encaminhados, e denunciem valor, não será difícil conseguir-se um conjunto invejável. Os portugueses podem trabalhar para a sua desforra, mas com segurança e inteligência!

♦♦ **CARLOS PÉREIRA** esteve no Porto a despedir-se de Artur de Sousa, no dia da sua festa, e todo o público do Lima reparou na emoção dos dois antigos colegas de equipa quando se abraçaram.

Este Carlos Pereira, que abandonou o F. C. P. numa altura em que tudo eram dificuldades, deve ter dado um mau passo na sua carreira desportiva. Julgemos saber que não foi sua a iniciativa, mas a verdade é que o antigo médio-centro do F. C. do Porto bem poderia ter ganho aqui homenagem igual à de Artur de Sousa.

♦♦ **A CRÍTICA** lisboeta alfinetou o melhor que pôde, descaradamente em certos casos, atirando a pedra e escondendo a mão noutros, — a atitude assumida pelo F. C. do Porto no campeonato nacional de andebol.

Ora, é preciso dizer-se que a atitude do F. C. do Porto não se liga, «verdadeiramente», com o campeonato nacional de andebol, embora nesta prova tivesse toda a sua projecção. Há muito quem saiba os motivos, mesmo aí em Lisboa. Infelizmente, ou não há coragem para enfrentar o problema, — ou, por via de sobidos interesses, escondem-se as causas para apenas referir os efeitos...

♦♦ **O ACADÉMICO** teve dois triunfos em pouco tempo. Disputar as finais de hoquei em campo e de andebol juniores represente muito esforço, de mais o mais tratando-se de modalidades pobres.

Mas assim se fazem os bons clubes desportivos. E o Académico, como por certo se conhece, é um bom clube desportivo, sem dúvida alguma.

♦♦ **LIPPO**, antigo treinador do F. C. do Porto e do Benfica, esteve nesta cidade de passagem para as Pedras Salgadas. Disse aos jornalistas que dois preparadores técnicos seriam necessários nos clubes de futebol. Assim é, de facto. Mas já isso acontece, por exemplo, no Sporting, e julgamos que de certa maneira no Benfica.

Se os dois orientadores técnicos pudessem dar-se bem — isso seria o ideal.



Todo o mundo sabe que o trabalho de um treinador é ingrato. Se o grupo ganha, esquece-se lamentavelmente o esforço do orientador técnico. As *paimadinhas* vão todas para os jogadores. Se o grupo perde, então sim, — o treinador é o grande e famoso culpado. Preso por ter cão...

Ora, deve estar um pouco neste caso o nosso conhecido Szabo, treinador do F. C. do Porto. Não têm faltado comentários à sua volta, vindos evidentemente de um sector que lhe não é afecto. Mas — nada menos justo.

Szabo é competente, trabalhador incansável, e a sua obra nos vários clubes portugueses não pode ser discutida com azedume. De resto, nem sempre um bom treinador consegue levar a cruz ao colvário, e não pode esquecer-se que o campeão nortenho, por pouco sorte, veio a suportar baixas que o inferiorizaram extraordinariamente. Guilhar, Araújo, Anjos, Barrigane, Catalino e outros não puderam prestar assíduo concurso à sua equipa, e nem tanto tempo de trabalho linha Szabo para «salvar» com reservas à altura a situação criada pelo facto acima apontado.

Um treinador, quando é da rija tempera de Szabo, merece ser carinhosamente tratado, ou, pelo menos, discutido com necessários cuidados. A gente que escreve, que aprecia mesmo à mesa dos cafés a acção dos que dirigem, não tem o direito de fazer lúbuva rasa de certos insucessos — e aos de maior responsabilidade cabe o dever de colaborar sem êrrots, sem chamar a ferroio questões de pouco interesse para a boa marcha do futebol.

Importava saber se Szabo era ou não capaz de dirigir a preparação de jogadores de primeiro plano. Ora, e menos que à luz da razão se prove o contrário, não há dúvidas sobre esta verdade. Estamos em presença de um treinador que, embora brusco, merece bem o dinheiro que lhe dão a ganhar. A sua actividade, a sua extraordinária simpatia pela missão confiada, a acção que desenvolve no campo, gastando horas e horas sem queixo, colocam-no na primeira fila dos treinadores.

O «resto», a vitória ou o derrote, — não conta na escala da apreciação. Perde-se às vezes por via de coisas de pouca monta. E o treinador, por muito bom que seja, precisa de ajuda de todos: — da crítica honesta, dos dirigentes capazes, do público e dos jogadores. Se assim não acontecer — nem Szabo nem outro qualquer...

O FUTEBOL BENFICA

é novamente detentor da «Taça de Portugal»

COIMBRA assistiu, pela primeira vez, a um desafio de hoquei em campo: o desempate Futebol Benfica-Académico (do Porto) para apuramento do vencedor da Taça de Portugal. E apesar do campo onde o jogo se disputou não se prestar para encontros dessa modalidade — é certo que o partido resultou interessante e teve público. Ainda bem que assim sucedeu — pois talvez Coimbra venha a ter «curiosidade» pelo hoquei em campo.

O Futebol Benfica — que fora ao Porto, perdeu com acadêmicos (0-1) e Ramaldense (1-2), tendo, em anos de repetições, em Lisboa, por 3-0 ao Académico e 2-0 aos campeões do Porto — voltou a conquistar, com merecimento absoluto, o troféu que o S. L. Benfica lhe arrebatara há duas épocas. Quer dizer: confirmou-se a regra...

No conjunto das três partidas — em Coimbra: 4-0 — os campeões de Lisboa registaram dois triunfos, uma derrota e 7-1. O único ponto consentido, contra os acadêmicos, foi no Luso, e os sete marcados foram-no em Lisboa (3) e Coimbra (4). Realmente, a vitória do Futebol Benfica é bonita e merece aplauso.

A carreira dos campeões de Lis-

boa é interessante e convém salientar-se. Foi a seguinte:

Académico, 0-1; Ramaldense, 1-2; Belenenses, 5-1; Académico, 3-0; Ramaldense, 2-0; Belenenses, (1): Académico, 4-0, Total 15-4.

(*) — Falta de comparência do Belenenses.

Quando ao outro finalista — O Académico do Porto — temos:

Futebol Benfica, 1-0; Belenenses, 1-1; Ramaldense, 0-0; Futebol Benfica, 0-3; Belenenses, 2-1; Ramaldense, (1); Futebol Benfica, 0-4. Total 4-9.

(*) — Falta de comparência do Ramaldense.

Através de tão rápido quanto elucido enunciação de resultados, pode inferir-se, com verdade, da brilhante carreira dos campeões de Lisboa — que, tendo perdido os dois primeiros jogos, no Porto, com 1-3, ganharam todos os restantes (14-1). Isto é suficientemente claro.

Nas quatro «edições» da Taça ficaram vencedores:

1941/42, Futebol Benfica; 1942/43, Futebol Benfica; 1943/44, Benfica; 1945/46, Futebol Benfica.

Última curiosidade: todos os quatro «goals» do Futebol Benfica, marcados no desempate de Coimbra, foram da autoria de Carlos Seixas

FRANCISCO BASTOS

(Continuação da página 3)

— Qual o atleta português que mais teme?

— São todos iguais. Tenho tanto medo de um *junior* como de um *senior*. A questão é que eles correm. Mas também é esse o meu desejo. Se pressinto que um adversário me persegue, entro de posse de todas as minhas faculdades de corredor. É o ideal.

— Quais os atletas que mais o impressionam?

— Recordo com grande prazer e admiração: Manuel Dias, um grande

valor; ciliar: Matos Fernandes que, pela sua extraordinária facilidade, pode ir muito longe, uma questão de apuro no treino técnico; Sampaio Peixoto, campeão de grande merecimento; João Silva, um atleta que, se visse no estrangeiro, alcançaria fama. Dos mais novos, é inegável que Nuno Moreira, Mendonça e Pequete estão na vanguarda. Mas são poucos para aquilo que o nosso atletismo precisa e merece.

A par destes novos atletas que surgem cheios de qualidades e boa vontade, é necessário acarinhar, auxiliar a sério, o grupo de técnicos novos que aparecem, revelando qualidades admiráveis. Fernando Ferreira, Lélito Ribeiro e Moniz Pereira, por exemplo.

Que, quanto a mim, não abdicado dos meus três elementos, intimamente ligados à minha vida no atletismo português: o dr. Salazar Carreira, o meu companheiro João Jacinto e o competentíssimo meçagista Manuel Marques.

— A sua ambição?

— Chegar a um tempo que marque os 1.000 pontos da tabela finlandesa — 1,52 nos 800 metros. Mas em Portugal é muito difícil conseguir-lo.

Entretanto há um desejo que me apouca; abandonar o atletismo... mas para fazer mais atletismo, sem a preocupação das complicações que martirizam o meu feitio e me descontrolam um pouco.

Despedimo-nos de Francisco Bastos, desejámos-lhe boa viagem e belas vitórias e viemos pensando, sossegadamente, neste campeão, nas suas opiniões, nas suas ideias e na pureza com que vive e prestigia o desporto português.

F. S.

OSCAR CABRAL

venceu com brilho

os 1.500 metros da A. N. L.

RECUEMOS a 1935 e a 1936. Nessa altura, Oscar Cabral corria como «infantil», categoria em que era campeão indiscutível. Nadava qualquer «estilo». Era, então, considerado, sem favor, uma verdadeira esperança da natação lusitana. Basta dizer-se isto: Oscar, como «infantil», percorria, há dez anos, os 100 metros-livres em 1 m. 14 s.

Em 1937, ano da inesquecível «Quinzena da Natação», Oscar Cabral lá foi, integrado na caravana, lado a lado, tal como lhe cumpria, com os melhores de então.

E em 1938, se não estamos em erro, conquistou em Coimbra o seu único título individual de campeão nacional: o dos 200 metros-livres.

Estilista correcto, nadador na verdadeira acepção do termo, tem-se mantido sempre no primeiro plano da natação portuguesa, ainda que sem pretensões com vista ao primeiro posto. Mário Simas e Baptista Pereira não o consentiam...

Pois no domingo último, na prova de 1.500 metros, organizada pela A. N. L., e disputada, tal como as anteriores, ao longo da muralha da Junqueira, Oscar Cabral veio ao primeiro plano — e triunfou. Mas triunfou, acentuadamente, com estôfo de campeão.

Pereira Bastos, o vencedor da «meia-milha», partiu deliberadamente com vista ao primeiro lugar. Era o favorito, em tudo e por tudo. Em bom ritmo, manteve-se à frente até cerca de meia prova, altura em que surgiu Oscar Cabral. O duelo travado, então, entre os dois nadadores do Algés, atingiu grande beleza — e emoção.

Oscar comandou a fase final da corrida, mas esperando-se, sempre, um arranque decisivo de Pereira Bastos. Oscar, porém, resistiu admiravelmente, vindo a terminar apenas com dois décimos de segundo de vantagem, diferença por demais elucidaiva, para nos dar uma imagem da luta travada.

Os «tempos» obtidos — 19 m. 32 s. e 19 m. 32,2 s. — têm valor, e fazem-nos até aguardar, com certa ansiedade, a exibição dos referidos nadadores, na piscina, numa prova de 1.500 metros.

Para Artur Malheiro da Silva deve ir, também, a atenção da crítica. Depois de um esplêndido quarto lugar na prova da «meia-milha», Artur Malheiro, no domingo último, melhorou de posição. Chegou em terceiro, batendo, de forma indiscutível, o «internacional» Belmiro Severino dos Santos.

Os restantes concorrentes, dentro das suas possibilidades actuais. Colectivamente, o Algés triunfou esmagadoramente, somando o menor número possível de pontos.

Fica bem uma referência ao elenco do Pedrouços: não pelo valor demonstrado, claro está, mas pela vontade posta na luta e

pelo desejo evidente de progredir e de sair do marasmo em que a colectividade se encontrava.

Como espectáculo, a prova correspondeu à sua finalidade e serviu de óptimo meio de propagação. Os organizadores devem sentir-se satisfeitos com a obra realizada e devem, também, encontrar, no êxito das corridas já realizadas, o melhor estímulo para proseguirem.

Tudo indica, pois, que tenhamos para breve a prova da milha e, lá para o fim da época, a clássica travessia do Tejo, com todos os seus encantos e tradições.

Abreu Torres

Sobre as pistas do Estádio Nacional

Do eng. presidente da Comissão Administrativa das Obras do Estádio Nacional, recebemos o seguinte ofício, esclarecendo uma referência do nosso prezado colaborador, sr. dr. Salazar Carreira.

Com certa frequência se publicam na imprensa desportiva artigos de crítica mais ou menos favorável às obras do Estádio Nacional.

Nunca esta Comissão Administrativa considerou oportuna a publicação de esclarecimentos.

Sucedeu porém com o número 187 de 3 do corrente vem publicado um artigo do Sr. Dr. Salazar Carreira, em que se faz uma afirmação que esta Comissão não pode deixar passar sem reparos. Afirma o autor que:

«a pista, erradamente construída de início, tem sido grandemente beneficiada e não oferece já motivo para sérias críticas, quando é preparada com a necessária antecedência, mas os locais para saltos estão péssimos».

Certamente ignora o autor do artigo de que a pista não sofreu, na sua estrutura, alteração alguma desde que foi construída, tendo-se nela executado somente simples trabalhos de conservação, que têm consistido em cilindramento, rega e adição de cinza em substituição da que tem sido arrastada pelo vento.

Quanto às caixas de saltos, o piso dos locais de chamada não estava em condições por ter sido impossível consolidá-lo no curto período que mediou entre o dia em que pelos jornais diários tivemos conhecimento da realização das provas e a sua utilização.

O mau estado destas é uma consequência da circulação que sobre ela se fez nos dias de treino e jogo de futebol, não tendo merecido a sua manutenção cuidados especiais por nada fazer prever que viriam a ser utilizados.



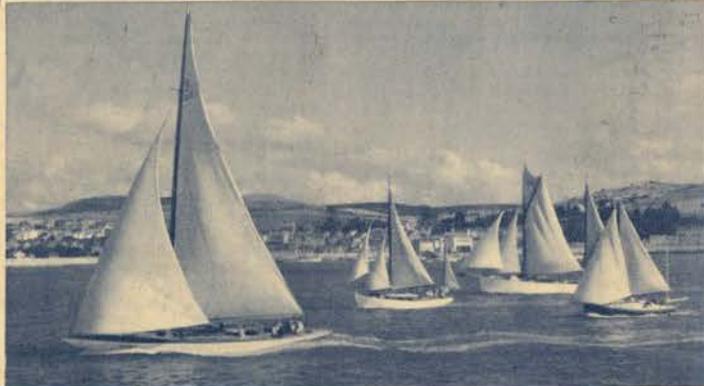
O acto de posse da nova Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol perante o Sr. Director Geral dos Desportos



Um aspecto da homenagem do Sport Lisboa Benfica aos seus campeões nacionais e regionais de basquete, atletismo, ténis de mesa, andebol e hóquei em campo



Os concorrentes à prova dos 1.500 metros, disputada ao longo da muralha da Junqueira, e organizada pela Associação de Natação de Lisboa



A largada para a disputa da taça Wintermantel, na regata Lisboa-Setúbal

EM LISBOA, PORTO E COIMBRA



Campeões regionais de ciclismo, no Porto

— Da esquerda para a direita: José Novais, do F. C. do Porto, sénior; Manuel Resende, do Rio Leça, iniciado; Domingos Carvalho, do Académico, junior; Onofre Tavares, do F. C. do Porto, independente



1 — Os concorrentes às provas organizadas pela Sociedade de Tiro 45. 2 — A equipa vencedora da taça Director Geral dos Desportos, em tiro de guerra. De esquerda: Abílio Brandão, Dr. Rogério Tavares e José Gomes, todos da Sociedade de Tiro 45. O Sr. Dr. Rogério Tavares, ao centro, foi o vencedor em pistola tiro Olímpico e pistola livre a 25.^m conquistando as taças Coronel Raúl Ferreira e José Maria



Ao lado — O Grupo de Futebol Benfica que conquistou a Taça de Portugal de hóquei em campo. Em cima: Numa fase animada do encontro, em que os lisboetas evidenciaram superioridade, derrotando o Académico, do Porto, por 4-0



PARIS

2800

Le Journal de l'Équipe

À L'ÉQUIPE

Édition spéciale

Paris, le 10 mai 1955

Stadium



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa

2\$00

